

Pesquisador alerta para roubo de plantas

A crítica
10/12/97 C2
142

Sérgio Berrocal

BELÉM (AFP) — À biopirateria - ou seja, o roubo de plantas medicinais - converteu-se num problema crucial na Amazônia brasileira, que abrange 60 % dos sete milhões de quilômetros quadrados compartilhados pela Bolívia, Equador, Colômbia, Peru, Venezuela, Guiana Francesa e Suriname.

Para a canadense Vicky Schreiber, que trabalha num dos projetos amazônicos desenvolvidos pela Universidade Federal do Pará, não resta a menor dúvida de que o roubo das riquezas naturais e inestimáveis, segundo os cientistas, é um dos grandes perigos para a região.

Laboratórios do mundo inteiro, segundo Schreiber, têm cientistas espalhados por toda a floresta, considerada o pulmão do mundo. Outros especialistas concordam com a necessidade de fazer frente a essa verdadeira invasão de ladrões com títulos científicos, mas advertem que não se pode confundir com os botânicos que estão presentes na Amazônia apenas para estudar as espécies.

Diferentes fontes consultadas pela AFP confirmam esse interesse em nível mundial pelas descobertas em termos de plantas medicinais amazônicas. Uma delas assegura, inclusive, que "se algum dia for descoberto o medicamento milagroso contra a mais terrível doença do momento, isso com certeza vai acontecer na Amazônia".

Vicky Shreiber explicou à AFP que qualquer pessoa que ande pela selva com um mínimo de conhecimento básico pode pegar qualquer planta medicinal com a maior impunidade.

Todos sabem que, no século passado, a borracha extraída na Amazônia deu para esta região e suas principais capitais, Manaus e Belém, imensas riquezas, como promovam as belas construções arquitetônicas remanescentes daquele período. Mas a região acabou agonizando economicamente quando sementes de seringueira foram leva-

das e plantadas no Extremo Oriente.

Com as plantas medicinais pode acontecer a mesma coisa, mas Vicky Schreiber observa que é muito difícil controlar a já chamada biopirateria.

A pesquisadora acredita que uma solução poderia ser o estabelecimento de contratos rigorosos sobre os direitos de exploração entre o governo do Brasil e os laboratórios interessados. A maioria considera essa solução uma coisa utópica, assim como a idéia de que os índios e caboclos sejam capazes de defender sozinhos seus direitos.

Uma publicação do Museu Emílio Goeldi de Belém, considerado o mais importante na área amazônica, afirma que cerca de 80% da população mundial - segundo a Organização de Saúde (OMS) - emprega plantas medicinais para tratamento de saúde e mais de 70% dos medicamentos industrializados são derivados destas plantas.

A dra. Maria Elisabeth Van den Ber, do Museu Goeldi, relacionou em sua monografia, "Plantas medicinais na Amazônia. Contribuição ao seu conhecimento sistemático", um impressionante e inestimável número de plantas que são consumidas diariamente na Amazônia para tratar males tão diversos quanto a hipertensão, a eczema e a sífilis.

Falando à AFP, a dra. Van den Berg mostrou-se pessimista e considerou que é normal que todo mundo possa ter acesso a essas plantas, mas que, da mesma forma, os benefícios resultantes devem ser para o Brasil.

Um especialista do Centro de Pesquisas Agroflorestais da Amazônia Oriental, subordinado à Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), mostrou igual pessimismo.

"A biopirateria é difícil de controlar. Basta que alguém coloque umas sementes no bolso e atravesse a fronteira", comentou, em Belém, o dr. Alfredo Kingo Oyama Homma, encarregado dessa área na Embrapa.

George Cúrcio — 5/mai/95



A planta conhecida como "pata de vaca" combate a diabetes